

Formação do indivíduo, capitalismo liberal e psicanálise: algumas contribuições da primeira geração da escola de Frankfurt

Development of the Individual, Liberal Capitalism and Psychoanalysis: Contributions of the Frankfurt's School First Generation

*Gustavo Henrique Carretero**

Resumo

O presente artigo tem como referencial teórico a Teoria Crítica da Sociedade proposta pela primeira geração da Escola de Frankfurt, especialmente as contribuições de T. W. Adorno e H. Marcuse. Pretende-se discutir contribuições e contradições da psicanálise freudiana a partir da formação do indivíduo no capitalismo, como também, descrever a relação indivíduo e sociedade, dando prioridade às contradições do indivíduo liberal na perspectiva freudiana à luz da crítica da Escola de Frankfurt. Para tanto, foram tomadas como base do estudo três obras de Freud consideradas relevantes no que tange a relação indivíduo, sociedade e cultura. A psicanálise freudiana é apresentada a partir da sua defesa e crítica da ideologia liberal levando-se em consideração a perspectiva dos autores de referência. Destaca-se a importância da psicanálise como instrumento de crítica social, mesmo com seus aspectos ideológicos, pois esta, em suas próprias contradições, mantém a não identidade na relação indivíduo e sociedade fazendo ao mesmo tempo a defesa e a crítica da ideologia liberal e acentuando o caráter repressivo da civilização.

Palavras-chave: *Formação do Indivíduo; Capitalismo Liberal; Psicanálise e Escola de Frankfurt.*

* Graduado em Psicologia pela PUC Campinas, Mestre em Psicologia Social pela PUC-SP, Doutorando e bolsista CNPq do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Atua como psicólogo em um CRAS no interior do estado de São Paulo; Texto reelaborado a partir da dissertação de mestrado: "Um estudo frankfurtiano sobre a relação indivíduo e sociedade em Freud." Como bolsista CAPES. E-mail para contato: psycogus@hotmail.com

Abstract

This article's theoretical framework is the Frankfurt School's Critical Theory focused on the contributions of T.W. Adorno and H. Marcuse. The article's aim is to discuss contributions and contradictions of Freudian psychoanalytical views on individual development in capitalism. Three of Freud's main essays that broach the relationship between the individual, society and culture are the basis of this work. Freudian psychoanalysis is presented in terms of its defense and criticism of liberal ideology and is considered to be a an instrument for social critique.

Keywords: *Development of the Individua; Liberal Capitalism; Psychoanalysis; Frankfurt School.*

APRESENTAÇÃO

O presente artigo tem como referencial teórico as contribuições da primeira geração da Escola de Frankfurt, especialmente Theodor W. Adorno e Herbert Marcuse. Ele visa discutir contribuições e contradições da psicanálise freudiana frente a formação do indivíduo no capitalismo, com ênfase no liberal e monopolista.

Para tanto, se inicia com argumentos referentes à importância da psicanálise os frankfurtianos. Em seguida são apresentados e analisados alguns elementos das obras estudadas de Freud (1913/1996; 1920/1996 e 1930/1996). Posteriormente, algumas reflexões são feitas a partir dos autores de referência e por fim, são tecidas algumas considerações finais a respeito da temática.

A IMPORTÂNCIA DA PSICANÁLISE FREUDIANA PARA A PRIMEIRA GERAÇÃO DA ESCOLA DE FRANKFURT

Uma das ferramentas importantes para compreender a formação do indivíduo para a primeira geração da Escola de Frankfurt é a psicanálise. A teoria de Freud, segundo Marcuse (1955/1999), elaborou os conceitos para a crítica psicológica da mais altamente louvada realização da era moderna: o indivíduo. Todavia, com o colapso da era liberal e suas promessas algumas questões relacionadas à formação do indivíduo se alteraram, gerando certo anacronismo em algumas propostas freudianas. Adorno (1951/2006)

acrescenta que o maior mérito da obra de tal autor é ter demonstrado a falácia da psicologia individual frente a processos sociais. Ela se constitui como denúncia do período pós-psicológico (no capitalismo monopolista), no qual os homens são transformados em átomos sociais desindividualizados que compõem coletividades. Portanto, a psicanálise preserva certa ambiguidade frente à ideologia liberal, enquanto fornece elementos à crítica da formação do indivíduo no capitalismo monopolista.

Adorno (1955/1991) afirma que a força da teoria freudiana se alimenta de sua cegueira frente à separação entre indivíduo e sociedade, engendrada pelas contradições e transformações do processo social. O autor defende (Adorno, 1942/1971) que a grandeza de Freud, assim como todos os pensadores burgueses radicais, repousa em deixar contradições sem serem resolvidas, não tentando articular harmonicamente elementos desgarrados em si mesmos, fazendo, dessa maneira, com que fique exposto na teoria o caráter antagônico da realidade social.

Assim, a teoria freudiana propõe um indivíduo pautado no modelo econômico do liberalismo, ao mesmo tempo em que demonstra suas contradições, denunciando o seu ocaso. Dessa maneira, pretende-se neste artigo descrever a relação indivíduo e sociedade, dando prioridade às contradições do indivíduo liberal na perspectiva freudiana à luz da crítica da Escola de Frankfurt.

IDEOLOGIA LIBERAL EM FREUD: ELEMENTOS CRÍTICOS

“*Totem e Tabu*” (Freud, 1913/1996), “*Psicologia dos Grupos e Análise do Ego*” (Freud, 1921/1996) e “*Mal-Estar na Civilização*” (Freud, 1930/1996) foram escritos em um período de tensão da implantação do capitalismo monopolista (primeira guerra mundial e anos posteriores), indicando contradições e alterações que podiam ser percebidas na formação do indivíduo daquele período a um observador arguto como Freud. Algumas cicatrizes do processo social repleto de antinomias foram encontradas na formação do indivíduo quando a psicanálise elegeu, imbuída da ideologia liberal, o indivíduo como medida para explicação da sociedade. Pode-se perceber nas obras estudadas, um processo de desencantamento da visão

de mundo em Freud: dos homens na luta contra o pai e em busca do prazer no mito da horda primitiva, para um homem exposto à massificação, e finalmente submetido a um processo social que torna impossível a felicidade gerando um montante de agressividade contra a cultura que é transformada em culpa em cada indivíduo. Dessa maneira, há a denúncia em Freud da decadência do modelo liberal de indivíduo que se observava em tais processos. Vale destacar que o autor não estava preocupado, no processo de teorização, com elementos da política e economia, um reflexo da ideologia liberal. Todavia, mesmo que intuitivamente ou inconscientemente, seus textos refletem um elemento de defesa e crítica à ideologia liberal de indivíduo. Parece haver em Freud certa nostalgia em relação ao modelo liberal de indivíduo, mesmo no período de seu ocaso devido ao processo de massificação e invasão da esfera privada na sociedade administrada.

Uma das aparentes contradições da teoria freudiana remonta às pulsões: estas nasceriam e se encerrariam no próprio indivíduo por meio da descarga de energia psíquica em objetos psíquicos, ao mesmo tempo em que conteriam elementos da natureza. Estas seriam passíveis de alteração pelo processo social, denotando a extrema complexidade do conceito. Inicialmente, as pulsões são concebidas como forças biológicas (Freud, 1920/1996), mas em outros momentos são pensadas como elementos do processo cultural (Freud, 1930/1996). Elas reservariam em si uma dupla origem: ao mesmo tempo em que possuiriam o caráter “incorrutível” da natureza, estariam intimamente ligadas ao processo civilizatório, sendo, portanto, extremamente plásticas!

Freud em “*Totem e Tabu*” (1913/1996) procura compreender a origem da proibição do incesto na sociedade ocidental, por meio do estudo de tribos, ditas, primitivas. Para tanto, ele estuda os conceitos de Totem e Tabu para elaborar o seu “mito científico” da horda primitiva (que teria dado origem à cultura). O marco inicial da cultura seria o assassinato do pai primitivo pela horda dos filhos expulsos: para não terem relações sexuais com as fêmeas e que acabaram por desenvolverem laços libidinais, inibidos quanto à finalidade, entre si para se tornarem uma horda.

A passagem do tempo teria feito com que instituições tivessem sido criadas para rememorar tal assassinato e ao mesmo tempo ameaçar os que

quisessem repetir as atitudes do macho dominante, tais como: o totem, o tabu, a religião e o próprio Complexo de Édipo (sendo uma instituição psicológica). Assim, a humanidade no presente estaria “destinada” a repetir em sua vida psicológica/particular fatos sociais ocorridos em tempos imemoriais.

Pode-se dizer que na obra, o autor, comete um erro epistemológico/metodológico, em termos de teoria social, ao tomar instituições burguesas como medidas para toda a história da humanidade, no caso a família nuclear burguesa e o indivíduo (sabe-se que este foi uma invenção da modernidade). Todavia, na mesma obra o autor, extrapolando a ideologia liberal, concebe instrumentos importantes para se pensar a relação indivíduo e sociedade: ele insinua que contradições sociais possam se tornar fenômenos psicológicos. O autor cita como exemplo a gênese do Complexo de Édipo, que preserva a dialética (mantendo a contradição) entre particular x social, mantendo-se sempre em movimento de transformação tanto social como do particular.

Freud em “*Psicologia dos Grupos e Análise do Ego*” (1921/1996) desenvolve mais profundamente a noção dos laços libidinais inibidos em sua finalidade e lança mão de tal conceito para compreender a adesão dos indivíduos a coletividades, principalmente às massas e aos grupos organizados por hierarquias, tomando como exemplo desses a igreja e o exército.

Nessa obra percebe-se com mais facilidade a defesa do Freud aos ideais liberais. Ele faz crítica à adesão de indivíduos de forma irrefletida, pautada em elementos inconscientes e pulsionais, às massas e aos grupos organizados. Para o autor tal adesão não se daria por elementos racionais, mas sim irracionais. Ao mesmo tempo, tais instituições despertariam impulsos inconscientes inibidos que possibilitariam a descarga de energia agressiva recompensada por tais coletividades. Tal processo serviria como elemento de maior união dessas coletividades, ao reforçar os vínculos dos “indivíduos” entre si e com a liderança ou ideia que os agregaria. Freud se coloca contra qualquer tipo de coletividade que iniba a racionalidade e sirva para manobras totalitárias, como futuramente ocorreu no nazi-fascismo.

Percebe-se pelo exposto que os ideais liberais não são apenas ideológicos, mas que também guardem em si elementos esclarecedores. Ao

defender a particularidade Freud se coloca contra o totalitarismo e denuncia as regressões sofridas na formação do indivíduo na passagem do capitalismo liberal ao monopolista.

Freud em “*Mal-estar na Civilização*” (1930/1996) faz sua crítica mais aguda à sociedade e uma das grandes proposições da psicanálise: a cultura deve sua força à repressão e recalque das pulsões individuais. O autor mostra-se pessimista em relação à possibilidade do desenvolvimento da civilização sob bases não repressivas, haja vista a força das pulsões individuais e a impossibilidade da pacificação destas com as metas da cultura. Ele chega a afirmar que os conteúdos recalcados retornam como traços de personalidade, ou seja, tornam-se subjetividade.

Freud propõe na obra a antítese entre cultura e pulsões e denuncia a falta de liberdade e felicidade na sociedade. Ao refletir sobre o sofrimento gerado por tal processo afirma que podem existir dificuldades ligadas à natureza da cultura e que não se submetem a reformas, pois haveria além da questão da restrição das pulsões uma questão mais ampla que se refere à “pobreza psicológica dos grupos”.

O autor aprofunda as análises feitas em outras obras a respeito do caráter repressivo (proibição e recalque) da cultura, trazendo um novo elemento ao debate, o qual é a necessidade de coerção, das mais variadas maneiras, da agressividade dos indivíduos. A cultura, portanto, não repousa apenas sobre a repressão e o recalque de pulsões sexuais, mas também de agressivas. Ele afirma que quando uma tendência pulsional experimenta o recalque, seus elementos libidinais são transformados em sintomas e seus componentes agressivos em sentimento de culpa.

Freud defende a existência de um instinto agressivo especial, independente e primário. Ao defender tal hipótese Freud salva a cultura e justifica todo o seu processo repressivo, pois haveria algo da natureza que contém agressividade e se manifesta no homem. Ele remonta os instintos a princípios biológicos: “Partindo de especulações sobre o começo da vida e de paralelos biológicos (...)” (Freud, 1930/1996, p. 122). Nesse sentido, o psicanalista refugia em sua denúncia à cultura e culpa o fracasso em promover a fruição por uma agressividade que existe por si mesma no homem, ou seja, naturaliza tal manifestação. É interessante ressaltar que

Freud vai dando indícios de que a agressividade dos indivíduos para com a sociedade é fruto do próprio processo cultural, mas, surpreendentemente, prefere afirmar que ela é uma tendência instintiva, ou seja, proveniente da própria natureza. Ele capitula em sua crítica à sociedade burguesa capitalista remetendo a causa da agressividade não ao processo social repleto de contradições (econômicas, políticas e sociais) e dominação, mas a natureza dominada e explorada no, entre e pelo homem.

A culpa é um dos elementos de manejo da cultura de tendências agressivas, ou seja, esta ao invés de se voltar contra as causas do sofrimento é introjetada e usada contra o próprio indivíduo. Esta é experimentada como um sentimento de mal-estar, que não teria objeto e seria aparentemente sem causa.

Dessa maneira, a culpa seria um dos maiores problemas do desenvolvimento cultural para Freud, o avanço em termos de cultura é acompanhado da perda da felicidade pela intensificação do sentimento de culpa. Tal afirmação é importantíssima, mas mudanças importantes podem ter alterado tal quadro, pois atualmente percebe-se a formação de eus e supereus fragilizados e externos, acompanhado da felicidade no consumo, por meio do fetiche da técnica. O investimento libidinal em objetos é suprimido pelo da técnica, gerando satisfação não pela descarga de energia libidinal em objetos, mas pelo uso da própria técnica – para consumo de mercadorias e pessoas.

As reflexões contidas nessa obra apontam certo pessimismo de Freud em relação à ideologia liberal, uma vez que esta preconiza que o indivíduo ao cuidar de seus interesses particulares produziria o bem-estar coletivo. O autor mostra exatamente o oposto ao afirmar que a cultura cria mecanismos para cercear as satisfações particulares em prol da manutenção da totalidade, mesmo com altos custos aos indivíduos. Tais afirmações evocam o caráter totalitário da cultura em Freud, assim, como a impossibilidade da pacificação entre interesses particulares e sociais. Ao mesmo tempo em que faz a crítica à ideologia liberal o autor procura justificá-la ao remeter às contradições da cultura a elementos da natureza.

Os argumentos expostos nas obras estudadas de Freud apontam para uma defesa crítica por parte do autor do ideal de homem do liberalismo. Ele

preserva em sua teorização elementos críticos/esclarecedores da ideologia liberal ao defender a categoria indivíduo frente a processos totalitários da cultura observados na passagem do capitalismo liberal ao monopolista, tais como: a possibilidade de ir contra coletividades, a busca de interesses particulares frente a coletividades homogeneizantes, a busca da felicidade e prazer em detrimento da mera adaptação (enfim a autonomia). Todavia, ao se manter tão fiel a tais pressupostos acaba por justificar elementos conservadores de tal pensamento, tendo como exemplos: a naturalização do homem e da sociedade, um homem que se faz por si mesmo independente das transformações sociais, a impossibilidade de formas de organização social que prevejam um equilíbrio menos desigual entre totalidade e particularidade.

REFLEXÕES SOBRE A PSICANÁLISE FREUDIANA A PARTIR DA PRIMEIRA GERAÇÃO DA ESCOLA DE FRANKFURT

O modelo liberal de indivíduo preconiza como ideologia, segundo Horkheimer e Adorno (1956/1978), a existência do homem feito por si mesmo e fechado à sociedade, como se fosse possível uma formação independente dos elementos sociais. Durante o liberalismo clássico o homem (ocidental e europeu) se constituía no interior de uma configuração familiar eminentemente burguesa, da ideologia da mônada psíquica e autonomia frente à sociedade, ocorrendo certa possibilidade de resistência frente ao processo social.

A livre iniciativa nos empreendimentos, as empresas familiares, o enclausuramento ensimesmado da família nuclear, centrada na figura do patriarca que comandava a casa com “mão de ferro”, denotavam certa diversificação nas possibilidades de existência, todavia tal possibilidade não estava dada a todas as classes sociais. Assim, o indivíduo freudiano clássico demonstra ter sido formado e teorizado a partir desse universo e da ideologia da classe burguesa, em outras palavras o ideal de homem freudiano é burguês e liberal no sentido estrito da palavra.

Além disso, o homem freudiano é representado a partir das ciências da natureza e do positivismo (que também são representantes da ideologia

liberal) seria ingênuo acreditar que a psicanálise se restringiu a esses pressupostos; pois suas descobertas apontam para além destes. Algumas das contradições do pensamento de Freud indicam a fratura do próprio objeto de estudo da psicanálise: o indivíduo e mais especificamente o inconsciente.

No Epílogo de *“Eros e Civilização”* (Marcuse, 1955/1999) e em *“Obsolescência da Psicanálise”* (Marcuse, 1963/1998), Marcuse destaca que um dos pontos da teoria freudiana que apontam para além da ideologia burguesa e liberal são suas concepções a respeito das pulsões. A psicanálise só pôde se tornar instrumento social e político (tanto para esclarecimento como dominação) por Freud ter descoberto na dimensão profunda das pulsões e das satisfações pulsionais, os mecanismos de controle social e político.

Outra aparente contradição do pensamento freudiano refere-se à eterna luta entre as categorias natureza e cultura, as quais têm seus próprios dispositivos de manifestação no homem, sendo o indivíduo por meio da razão o mediador de tal embate. Na primeira tópica, o embate entre natureza e cultura se dá pelo confronto entre consciente e inconsciente, já na segunda tópica o eu é o mediador entre as demandas do isso e do supereu. Há, também, no homem o embate entre dois princípios: o de prazer e o de realidade. Dessa maneira, o homem é dilacerado por tais conflitos em seu interior e da impossibilidade de resolução destes resulta o descompasso entre inconsciente e consciente. Adorno (1955/1991) remete tal elemento (descompasso entre inconsciente e consciente) ao processo social repleto de contradições no qual o indivíduo tem de se submeter em sua subjetividade, por meio da repressão e recalque, à força da sociedade, impedindo a “felicidade” que não a da adaptação. O autor (Adorno, 1951/2006) destaca que o indivíduo é uma manifestação particular de tendências da totalidade, algumas das quais se manifestam no seu inconsciente de forma bastante particular, mas em todos os indivíduos.

Há no espírito da teoria freudiana um elemento hobbeseano, da impossibilidade da existência do indivíduo sem a dominação da natureza em si mesmo e de si mesmo pelos outros e pela sociedade. Os homens mesmo que se rebelam contra o “poder superior do pai” têm que se submeter à natureza em si mesmos e aos mandamentos do coletivo fraterno (Freud,

1913/1996, 1921/1996). Ao se ater obstinadamente no indivíduo, Freud, acaba por encontrar mecanismos sociais de dominação do homem, esbarrando nos limites da ideologia do modelo liberal de indivíduo (Adorno, 1955/1991, 1942/1971 e Marcuse, 1955/1999). Ao se deparar com tal processo, não faz crítica à ideologia, mas à decadência desta, parecendo não se conformar com tal processo, pois o homem se tornava cada vez mais insignificante perante um processo social totalitário, na transição da empresa familiar para os grandes trustes. Ele se dá conta, em algumas de suas obras, que as contradições que afligem os homens desde seu interior são provenientes de uma sociedade contraditória e excludente (Freud, 1930/1996), todavia, defende a civilização em detrimento da possibilidade de um processo social no qual o desenvolvimento econômico possibilite a fruição para um número cada vez maior de pessoas. Adorno afirma que Freud não percebia as contradições sociais que descobria e denunciava no interior do indivíduo:

En vez de desgajar primero el individuo de los procesos sociales, para describir despues la influencia conformadora de éstos, una psicología social analítica tendría que descubrir en los mecanismo más íntimos de cada individuo singular las fuerzas sociales determinantes [...] cuanto más profundamente sondea la psicología las zonas críticas en el interior del individuo, tanto más adecuadamente puede penetrar en los mecanismos sociales que hayan producido la individualidad. Adorno, 1942/1971, p. 141.

As contradições do pensamento de Freud não invalidam sua teoria, mas acabam por tornar-se elemento de crítica à sociedade. Para Adorno (1955/1991), mesmo com seu cunho burguês e liberal, a psicanálise freudiana preserva, no processo de teorização, a contradição ou cisão entre indivíduo e sociedade, na qual a segunda emancipou-se do primeiro (Adorno, 1942/1971 e Marcuse, 1955/1999).

Quando trata da obsolescência da psicanálise Marcuse (1963/1998) defende que na psicanálise proposta por Freud o conflito não faz apenas parte da história patológica do paciente, mas do destino geral da humanidade sobre o princípio de realidade, denominado de princípio de desempenho, imposto pelo sistema capitalista. A história ontogenética de cada indivíduo repete a história filogenética da humanidade. Assim, o Complexo

de Édipo não guarda apenas o modelo oculto da relação entre pai-filho, mas também o segredo da opressão do homem pelo homem (tanto das vitórias como do fracasso da civilização). Na situação edípica repousa, portanto, as raízes pulsionais e individuais do princípio de realidade que rege a sociedade, o qual é o conflito dos homens entre si na busca da dominação do outro.

Freud como defensor da ideologia burguesa liberal defende, para Marcuse, que o funesto conflito entre indivíduo e sociedade deve ser decidido e confrontado na relação com o pai, o qual tem a função de impor o princípio de realidade sobre o princípio de prazer, ou seja, a dominação. A rebelião e o acesso à maturidade são estágios da luta com o pai. A primeira socialização do indivíduo, no capitalismo liberal, ocorria na família e o eu se desenvolvia na esfera privada, tornando-se um eu com o outro, mas também contra ele. “O “indivíduo” mesmo é um processo vivo de mediação, em que toda repressão e toda liberdade são “interiorizadas”, tornando-se o comportamento próprio do indivíduo.” (Marcuse, 1963/1998, p. 93 e 94).

Ao mesmo tempo em que a psicanálise aponta para aspectos da ideologia liberal, denuncia o seu ocaso, pois o momento histórico em que eu e supereu se formavam na luta contra o pai, como representante do princípio de realidade, deixou de existir com as transformações históricas do capitalismo concorrencial para monopolista.

Tais alterações incidem sobre a formação do indivíduo, como também sobre a psicanálise, pois a família dominada pelo pai não é mais o principal agente de socialização, passando esta a ocorrer por meio da *mass media*, agrupamentos escolares, esportivos e de jovens que assumem a função da formação do indivíduo. O declínio do pai ocorreu a partir da decadência da empresa privada familiar; fazendo com que filhos se tornassem independentes (no pior sentido da palavra). Com isso os conflitos não mais ocorreriam no plano familiar, pois obrigações e comportamentos socialmente necessários não são mais aprendidos e interiorizados no seio da família burguesa, mas coletivamente. Marcuse prossegue destacando que: “o ideal de ego (*Ichideal*) é muito mais levado a agir diretamente e “de fora” sobre o

ego, antes ainda que este se tenha constituído de fato como sujeito pessoal e (relativamente) autônomo da mediação entre o próprio eu (*Selbust*) e os outros.” (Marcuse, 1963/1998, p. 94).

Esses elementos reduzem o espaço vital e a autonomia do eu e preparam o terreno para o surgimento das massas pela identificação direta e sem contradição com a sociedade, pois a socialização privada reservava espaços à contradição. A mediação entre o eu e o outro dá lugar a uma identificação imediata:

Na estrutura da sociedade, o indivíduo torna-se um objeto administrado, consciente e inconsciente, e obtém liberdade e satisfação em seu papel como um tal objeto; na estrutura psíquica o ego se contrai de tal maneira que já não parece capaz de se manter como um eu distinto do id e do superego. Marcuse, 1963/1998, p. 94 e 95.

As transformações do capitalismo geram alterações da dinâmica pluridimensional (socialização familiar) para a unidimensional (socialização coletiva) com a identificação estática do indivíduo com os que lhe aparentam ser semelhantes e o princípio de realidade administrado. Assim, os processos psíquicos descritos por Freud teriam se alterado a partir da mediação de transformações no capitalismo e a função social da psicanálise muda em consequência das mudanças na estrutura psíquica.

Existem também na teoria freudiana elementos que fazem crítica à concepção liberal de mundo, apontando para outras possibilidades culturais. Segundo Adorno (1942/1971), ao propor a centralidade do amor sexual na sua teoria, Freud denuncia a opressão e interdição, assim como a articulação entre opressão e prazer na sociedade liberal:

Dicho en general, la inconsistencia del pensamiento freudiano que tanto les altera (revisionistas), o sea el que Freud convirtiese en central la sexualidad y se aferrase a los tabues sexuales, no es, en modo alguno, un simples error intelectual, sino que responde al estado de hechos objetivo, por el cual el placer y la prohibición no se pueden desarticular en forma mecánica, sino que se condicionan recíprocamente; es preciso concebirlos en su mutua acción como esta sin aquél. Si el psicoanálisis niega este ensamblaje, se reduce a un tipo de terapia social destinada a resolver saludablemente los conflictos del yo, y termina en una ratificación incluso de la sociedad patriarcal de la que había querido apartarse la Secesión. Adorno, 1942/1971, p. 150.

Marcuse ratifica tal proposição:

(...) e essa função crítico-sociológica da Psicanálise deriva do papel fundamental da sexualidade como uma força produtiva; as reclamações libidinais impelem o progresso no sentido da liberdade e da gratificação universal das necessidades humanas, para além do estágio patricêntrico-aquisitivo. Inversamente, o enfraquecimento da concepção psicanalítica e, especialmente, da teoria da sexualidade, tem de conduzir a um enfraquecimento da crítica sociológica e a uma redução da substância social da Psicanálise. Marcuse, 1955/1999, p. 209.

Marcuse destaca ainda que a força da teoria psicanalítica repousa na descoberta do papel do inconsciente, assim como, na ênfase dada à descrição da dinâmica instintiva, das vicissitudes dos dois instintos básicos (pulsão de vida e pulsão de morte). A eterna luta das pulsões revela a profundidade da opressão que a civilização impõe ao homem. Se a sexualidade não fosse tomada como elemento constitucional e de conflito não haveria a disputa entre o princípio de prazer e o princípio de realidade, não sendo possível conceber a contradição entre os desejos dos indivíduos e as imposições da sociedade, remetendo a felicidade à mera adaptação à realidade social. A centralidade da sexualidade na teoria freudiana denuncia a infelicidade imposta como felicidade na sociedade, pois as pulsões sempre permanecem insatisfeitas em um nível profundo ou inconsciente. Assim, uma das marcas da repressão social é o próprio mal-estar dos participantes da cultura. Além disso, Freud penetrou mais profundamente em tais mecanismos encontrando as marcas no corpo e no espírito da repressão, que Marcuse (1955/1999) denomina de repressão “constitucional primária”, que atua de forma subjacente a toda repressão conscientemente experimentada e administrada a todos, mas percebidas de forma individual.

Para Marcuse, Freud tomou suas descobertas muito a sério ao ponto de não tentar fazer coincidir felicidade com sublimação, que já apresenta a marca da adaptação, mesmo que extremamente simbólica. A civilização voltada à felicidade representaria o fim da própria civilização. Assim a teoria freudiana põe a vista o abismo que separa a liberdade e felicidade reais da pseudoliberalidade e pseudofelicidade apregoados pela civilização reprimida e que aparenta não ter mais repressão.

Outro elemento importante destacado por Marcuse (1955/1999) refere-se à denúncia de Freud dos aspectos repressivos da ideologia liberal: a liberdade de tal concepção torna-se mero discurso a partir do momento em que os corpos e a subjetividade devem ser docilizados para a competição. Assim, Freud denunciou, para além do liberalismo, a inumanidade básica e comum às diversas formas históricas de sociedade, assim como os controles repressivos que atuam na estrutura dos instintos e a dominação do homem pelo homem. O conceito freudiano estático de sociedade, no sentido da impossibilidade do fim da dominação e da repressão na cultura, está mais próximo da realidade do que alguns conceitos de alguns revisionistas da psicanálise que tentaram fazer a sociologização desta.

Adorno (1955/1991) ressalta a atitude freudiana de não tentar integrar a teoria das pulsões individuais com pulsões sociológicas, pois tal integração resulta no total domínio dos indivíduos pela sociedade (heteronomia), pois pressupõe a identidade entre ambos, negando as contradições entre os interesses dos homens e os impostos pela cultura. A contradição entre pulsões individuais e “pulsões sociais” é uma contradição da realidade social que Freud preservou em sua teoria e aponta para além da ideologia liberal, pois esta preconiza que na medida em que cada homem cuidasse de seus interesses pessoais haveria progresso na sociedade como um todo. Há nessa proposição a tentativa de fusão dos interesses individuais e culturais. Todavia, ao negar-se a aceitar tal concepção Freud ataca um dos pilares do individualismo que apregoa o liberalismo clássico. “*Totem e Tabu*” (Freud, 1913/1996), “*Psicologia de Grupo e Análise do Ego*” (Freud, 1921/1996) e “*Mal-Estar na Civilização*” (Freud, 1930/1996) indicam que quanto mais os indivíduos cuidassem de seus interesses pulsionais (associados à libido e agressividade) menos sociedade haveria, portanto a cultura só pode existir por meio da coerção e utilização das pulsões individuais em prol do desenvolvimento da civilização. Assim, ao “escolher” pertencer à civilização cada homem abre mão de seus objetivos em prol dos mandamentos da cultura.

Adorno (1955/1991) prossegue destacando que as contradições entre indivíduo e sociedade não são quantitativas, mas frutos do processo social que transforma de antemão os sujeitos individuais em função da engrenagem social. Dessa forma, nenhuma síntese científica futura pode

harmonizar o que está radicalmente cindido consigo mesmo. Não se pode escamotear as contradições entre indivíduo e sociedade por esquemas de generalização, ao mesmo tempo em que não se pode absolutizá-las, pois as contradições da sociedade individualista e burguesa seriam naturalizadas. As divergências entre indivíduo e sociedade são essencialmente de origem social e se perpetuam socialmente, de maneira que as manifestações destas devem ser explicadas em termos sociais.

Além disso, fenômenos sociais estão, cada vez mais, se emancipando do indivíduo e de sua subjetividade, ainda mais perante as relações de troca e da *ratio* (razão tornada um mero instrumento de aplicação de técnicas na realidade).

La psicología no es ninguna reserva de lo particular protegida de la generalidad. Cuanto más crecen los antagonismos sociales, más pierde a ojos vistas su sentido el concepto de cabo a rabo liberal e individualista de psicología. El mundo preburgués no conocía aún la psicología, el mundo totalmente socializado, ya no. Adorno, 1955/1991, p. 200 e 201.

Marcuse (1963/1998) destaca que o indivíduo freudiano só pode existir em uma sociedade liberal, por causa de certas peculiaridades deste e da forma como a sociedade estava organizada antes do capitalismo monopolista, no qual esferas da vida particular foram relegadas à administração. Freud usou uma concepção atomística de indivíduo como preconizava a ideologia liberal e para Adorno (1955/1991) ao se deter com obstinação, conseguiu apreender a essência da socialização muito mais do que muitos que olharam para circunstâncias sociais. Ao mesmo tempo, destaca que não é coincidência que apesar da psicanálise ter sido concebida no âmbito da vida privada e conflitos familiares utilize termos econômicos e da esfera do consumo para se referir a estes (tais como: economia da libido, gasto de energia dentre outros), pois as esferas da vida privada foram invadidas e administradas no capitalismo monopolista. Além disso, o próprio jogo de forças psicológicas, propriamente ditas, está restrito ao setor privado até mesmo no liberalismo, tendo pouco poder sobre a esfera da produção material.

Marcuse (1963/1998) destaca a crítica a Freud de que seu modelo representava a sociedade burguesa vienense possui seu elemento de verdade, todavia mesmo naquele momento já exprimia mais o passado do que o futuro (uma forma de existência em desaparecimento). A luta entre instâncias para a formação do indivíduo (isso, eu e supereu; princípio de prazer e de realidade; Eros e Thánatos) era decidida neste e através deste, no seu corpo e na sua alma, através do seu corpo e da sua alma, com as alterações no capitalismo tal processo foi substituído.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicanálise freudiana é utilizada pelos autores da primeira geração da Escola de Frankfurt como instrumento de crítica à catástrofe social da passagem do capitalismo liberal ao monopolista. O maior exemplo da irracionalidade de tal processo foi a explosão das massas nazi-fascistas no período pós Primeira Guerra Mundial. A psicanálise, ao defender elementos esclarecedores da concepção liberal de indivíduo, possibilitou a crítica às regressões na formação do indivíduo fomentadas na passagem do capitalismo concorrencial ao de monopólios, onde a adesão às coletividades se torna o marco da formação da subjetividade.

Entretanto, ao se aferrar tanto aos pressupostos da ideologia liberal de indivíduo a psicanálise freudiana manteve elementos mistificadores ou justificadores das relações sociais, tais como: a naturalização do homem e da sociedade por meio de pressupostos positivistas, e relegou à natureza processos desenvolvidos socialmente pela cultura.

Destaca-se também que Freud (1930/1996) ao se posicionar contrariamente a ideias socialistas e comunistas pelos motivos corretos. que seriam a coletivização, padronização e homogeneização dos homens, negou todo o ideal. Todavia, ao negar totalmente tal ideia, por problemas parciais, acabou por justificar as desigualdades e injustiças da sociedade capitalista.

Os frankfurtianos destacam que ao defender princípios esclarecedores do iluminismo e do liberalismo a psicanálise demonstrou o abismo existente entre interesses individuais e coletivos. Todavia, insistiu em elementos de adaptação do particular ao total por tentar encontrar uma

saída possível para tal dilema em uma sociedade marcada pelo conflito de classes e a desigualdade social: o indivíduo, na psicanálise tradicional, com a ajuda do analista deveria encontrar um plano racional para resolver seus conflitos e em virtude da razão (individual) renunciar as exigências sem concessão do princípio de prazer, submetendo-se às imposições do princípio de realidade, aprendendo a estabelecer um equilíbrio precário entre *Eros* e *Thánatos* e abrindo caminho em uma sociedade (Freud usa cultura) incapaz de torná-lo feliz, ou seja, satisfazer suas pulsões.

Tal pressuposto indica a alteração da função da psicanálise na cultura ao longo do tempo (da resistência à adaptação), de acordo com mudanças sociais fundamentais que ocorreram durante a primeira metade do século XX (Marcuse, 1955/1999). O colapso da era liberal e de suas promessas, a tendência expansionista do totalitarismo e os esforços para neutralizar essa tendência do capitalismo monopolista estariam refletidos na posição da Psicanálise:

Freud demonstrou que a coerção, a repressão e a renúncia eram os materiais de que se fabrica a livre personalidade; ele reconheceu a infelicidade geral da sociedade como o limite intransponível de cura e normalidade. A Psicanálise era uma teoria radicalmente crítica. Mais tarde, quando a Europa central e oriental se encontrava em convulsão revolucionária, tornou-se claro até que ponto a Psicanálise ainda estava vinculada à sociedade cujos segredos revelaram. A concepção psicanalítica do homem, com sua crença na imutabilidade básica da natureza humana, impôs-se como reacionária; a teoria freudiana parecia implicar que os ideais humanitários do socialismo eram humanamente inatingíveis. Então, as revisões da Psicanálise começaram a ganhar impulso. Marcuse, 1955/1999, p. 205.

Assim, é importante destacar que a ideologia liberal é pautada por contradições entre elementos esclarecedores e mistificadores que são provenientes não apenas da ideologia, mas da própria realidade social. O liberalismo não é exclusivamente marcado pela liberdade de empresa, autonomia, carreiras abertas ao talento e supostas liberdades individuais (civis e políticas). Há também a necessidade da repressão para a docilização do corpo e do espírito dos homens ao *status quo*. A psicanálise denunciou

a ideologia do indivíduo liberal ao reconhecer a repressão nos mais altos valores da civilização ocidental – que impõem e perpetuam a falta de liberdade e o sofrimento.

A importância da psicanálise freudiana à primeira geração da Escola de Frankfurt remete que ela: em suas próprias contradições, mantém a não identidade na relação indivíduo e sociedade fazendo ao mesmo tempo a defesa e a crítica da ideologia liberal e acentuando o caráter repressivo da civilização. Assim, ela não possibilita a harmonização pacífica do que está radicalmente cindido na vida social, ou seja, o abismo entre a particularidade e a totalidade.

REFERÊNCIAS

- Adorno, T. W. (1971) La revision del psicanalisis In: Horkheimer, M e Adorno, T. W. *Sociologica II*. (pp. 133-156) Madrid: Taurus. (Original publicado em 1942)
- Adorno, T. W (2006) A teoria freudiana e o padrão de propaganda fascista. *Margem esquerda: Ensaios marxistas*, vol. 7, 164-189. (Original publicado em 1951)
- Adorno, T. W (1991) De la relación entre sociología y psicología. In: Adorno, T. W. *Actualidad de la filosofia*. (pp. 135-205) Barcelona: Paidós. (Original publicado em 1955)
- Freud, S. (1996) *Totem e tabu*. In: Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de S. Freud*. Vol. XIII. (pp. 13-163) Rio de Janeiro: Imago. (Original publicada em 1913)
- Freud, S. (1996) *Além do princípio de prazer*. In: Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de S. Freud*. Vol. XVIII. (pp. 11-77) Rio de Janeiro: Imago. (Original publicada em 1920)
- Freud, S. (1996) *Psicologia do grupo e a análise do ego*. In: Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de S. Freud*. Vol. XVIII. (pp. 78-155) Rio de Janeiro: Imago. (Original publicada em 1921)
- Freud, S. (1996) *Mal-estar na civilização*. In: Freud, *Edição standard das obras psicológicas completas de S. Freud*. Vol. XXI. (pp. 66-148) Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Original publicada em 1930)

- Horkeheimer, M; Adorno, T. W. (1978) Indivíduo. In: Horkeheimer, M; Adorno, T. W. *Temas Básicos de Sociologia*. (pp. 45-60) São Paulo: Cultrix. (Original publicado em 1956)
- Marcuse, H. (1999) *Eros e civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. (Original publicada em 1955)
- Marcuse, H. (1998) A Obsolescência da psicanálise. In: Marcuse, H. *Cultura e sociedade*. Vol. 2. (pp. 91-111) Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Original publicada em 1956)